

Plus ça change, plus c'est la même chose

Luiz Alex Silva Saraiva

Mal terminou a vigésima primeira edição da Copa do mundo FIFA 2018 e já temos uma certeza: ela custou caro – muito caro – particularmente para nós, brasileiros. E não nos referimos aqui aos já conhecidos bilionários custos associados à realização ou à transmissão do evento, promovido incessantemente pela mídia financiada por empresas patrocinadoras e interessadas no prosseguimento do golpe desferido contra a Presidenta democraticamente eleita com mais de 54 milhões de votos, Dilma Rousseff. Assistimos, entre holofotes voltados para os atletas e transmissões mundiais de partidas de futebol, mais uma etapa do enterro de um projeto de país. Letargicamente, longe da dinâmica do futebol disputado em solo russo, vamos aos poucos tomando pé da situação escabrosa que se desenrolou em meio a uma expressiva cobertura esportiva e a um magro acompanhamento jornalístico dos fatos que se desenrolavam no país.



Entre os inúmeros absurdos de uma justiça protagonista do caos instalado no Brasil, assistimos ora a um vergonhoso silêncio quanto aos absurdos do poder legislativo, ora a um enfático engajamento quanto a adversários políticos. No primeiro caso, vale registrar que no dia 25 de junho uma comissão especial da Câmara dos Deputados aprovou o parecer sobre o projeto de lei PL 6299/02 que propõe alterações na legislação que regula agrotóxicos ou pesticidas, fixando limites escandalosamente altos para seu uso na agricultura. Para completar, a Comissão de Agricultura, Pecuária, Abastecimento e Desenvolvimento Rural da Câmara dos Deputados aprovou um projeto de lei, de autoria do mesmo deputado, que restringe a venda direta de produtos orgânicos, que só poderá ocorrer em feira livre e em propriedades particulares. Quanto a isso, silêncio profundo do poder judiciário.

Este silêncio não se verifica quanto ao caso da prisão do ex-Presidente Luis Inácio Lula da Silva. No dia 8 de julho de 2018, uma decisão do desembargador plantonista do Tribunal Regional Federal da 4.^a Região (TRF-4) concedeu um *habeas corpus* em favor do ex-presidente. Foi o que bastou para que se desencadeasse uma série de decisões jurídicas, demonstrando evidente engajamento político de uma parte do judiciário, empenhada em sistematicamente eliminar quaisquer obstáculos ao seu projeto de poder. Se esta confusão teve um lado positivo foi demolir qualquer ilusão de que havia um sentido jurídico nesta prisão. Em cerca

de dez horas, houve uma tramitação de processo em tempo recorde entre diversas instâncias do poder judiciário para manter Lula na prisão e, assim, criar obstáculos à participação do ex-presidente, líder absoluto nas intenções de voto, na corrida presidencial de 2018.

Este picadeiro jurídico nos alerta para uma coisa: a copa do mundo exerce influência sobre o país quando a maior parte da população reproduz seu estado de anestesia em frente à TV nas demais esferas de vida pública, docilmente assistindo a conchavos levados a cabo à surdina pelos interessados em promover mudanças para que tudo fique exatamente como sempre foi: *plus ça change, plus c'est la même chose*. Que este desamparo plantado (Saraiva, 2017) nos desperte, pois passou da hora de acordar.

Neste número 13 da Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, contamos com a bela capa *Pro mercado eu vou!*, de *Raquel Oliveira Barreto* e *Jeanne Soares Doneiro*, uma imagem do Mercado Municipal de Araçuaí, Minas Gerais, um lugar de trocas materiais, simbólicas e afetivas. A capa foi diagramada por Vitor Drumond.

Publicamos também nesta edição, com muita satisfação, o Dossiê “Organizações Alternativas e Contra Hegemônicas”, cujos competentes editores especiais



foram os professores Pedro de Almeida Costa, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rene E. Seifert, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Fábio Bittencourt Meira, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e Antônio João Hocayen-da-Silva, da Universidade Estadual do Centro Oeste, a quem agradecemos e congratulamos pela qualidade do trabalho editorial.

O dossiê conta com seis textos, a seguir apresentados. No primeiro deles, *“Provocações epistemológicas, teóricas e metodológicas a partir de experiências empíricas de organizações alternativas e contra hegemônicas”*, assinado por Pedro de Almeida Costa, Rene E. Seifert, Fábio Bittencourt Meira, Antônio João Hocayen-da-Silva, os editores especiais resgatam a origem da iniciativa do dossiê, no ano de 2016 no IV Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais. Os autores destacam que a publicação deste dossiê temático acompanha um crescente interesse internacional de problematizar a experiência do *alternativo*.

Em *“As incubadoras tecnológicas de cooperativas populares (ITCP) na construção da contra hegemonia acadêmica”*, Lais Fraga, em um ensaio exploratório, discute a extensão universitária e a necessária troca de saberes que ela promove, em especial o desafio de proporcionar o acesso ao conhecimento acadêmico, mas sem que isso se torne uma forma de imposição à sociedade.

Ariadne Scalfoni Rigo em "*Experiências distintas e sentidos compartilhados: o uso de moedas complementares e sociais no Brasil e na França*" apresenta e discute duas experiências de uso de moedas complementares e sociais: as Palmas, primeira moeda social emitida pelo Banco Palmas de Desenvolvimento, no Brasil, em 2002; e a *Sol-Violette*, moeda social que circula na cidade de Toulouse, na França, desde 2011. A discussão sugere que ambas as experiências transcendem o sentido econômico, trazendo contribuições políticas e simbólicas para as localidades.

Problematizando a hegemonia da organização formal/burocrática nos estudos organizacionais a partir de uma abordagem teórica, *Carlos Gabriel Eggert Boehs*, em "*Para além dos limites da organização formal como objeto: a discussão de referências renegadas*" resgata a construção do conceito de organização e debate a ênfase formal burocrática das discussões nos Estudos Organizacionais, apontando a necessidade de se observarem diferentes formas de organizar.

Carlos Eduardo Justen e *Eloise Helena Livramento Dellagnelo* procuram demonstrar em "*A política do mainstream dos estudos organizacionais frente ao político: ofensiva neoliberal à burocratização das relações sociais*" o caráter político do *mainstream* dos estudos organizacionais, voltado à manutenção de uma dada ordem política e social. Em particular, problematizam a adesão ao neoliberalismo como um aspecto

relacionado à própria ontologia dos estudos organizacionais, o que merece ser discutido em profundidade.

No último texto do dossiê, *"Sociedade de decrescimento: uma resposta para o desenvolvimento (in)sustentável?"*, Luiz Gustavo Alves de Lara e Samir Adamoglu de Oliveira discutem a sociedade produtivista e a possibilidade de desenvolvimento sustentável indissociado de crescimento econômico. Para os autores, o debate nos Estudos Organizacionais é necessário de maneira a refletir criticamente sobre as contradições lógicas da orientação para o crescimento ilimitado difundido pelo *management*, provocando um debate em torno do decrescimento como uma via possível no mundo atual.

A seção artigos conta com duas contribuições. A primeira delas, de Fabiana Pimentel Santos e Eduardo Davel, *"Pesquisa-ação em prol da cooperação interorganizacional: debates, repercussões e práticas"* faz relevantes discussões em torno da pesquisa ação, um método de pesquisa participativa caracterizado pela estreita relação entre pesquisador e objeto de pesquisa, e que se volta tanto para a produção de conhecimento quanto para a transformação social. Xs autorxs propõem uma estratégia metodológica de pesquisa-ação voltada para a cooperação interorganizacional com base na identidade territorial, debatendo seus desafios e suas repercussões para o desenvolvimento do território.



No segundo artigo deste número, "*Quantas estrelas você vale? uma análise da gamificação em um episódio da série Black Mirror*", Bruno de Almeida Matos, Luana Jéssica Oliveira Carmo e Lilian Bambirra de Assis analisam a relação entre a modernidade, sociedade de consumo e gamificação no episódio *Queda Livre* da série *Black Mirror*. Xs autorxs defendem que, em face do consumo amplamente disseminado na sociedade moderna, a utilização de *games* em ambientes organizacionais e educacionais surge como forma de engajar ludicamente as pessoas, o que não exclui a possibilidade de dominação do sujeito, que produz dados incessantemente, transformando-se em um objeto, conforme a análise efetuada.

A seção ensaios conta com um texto, o provocativo "*Seres do subterrâneo: os invisíveis do mundo moderno*", de Felipe Amaral Borges e Kettle Duarte Paes, que nos brindam com um exame de abordagens influenciadas pelo pensamento único, fundamentadas no paradigma funcionalista, como lentes para compreender práticas sociais atravessadas por múltiplas racionalidades. Xs autorxs se voltam a marcos teóricos não-ortodoxos em Estudos Organizacionais, férteis para ajudar os atos de denúncia das ausências artificialmente produzidas, bem como nos atos anúncios de outras sociabilidades, abrindo espaço assim, para o reconhecimento do novo, do que está em construção, e do que ainda não é.

Encerrando o número de forma expressiva, “Quando estudantes se tornam artistas: produções culturais como práticas pedagógicas não hegemônicas nos estudos organizacionais”, registro fotográfico de Mariana Luísa da Costa Lage e Letícia Dias Fantinel, retrata uma experiência concebida e vivenciada no contexto de uma disciplina do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Espírito Santo, na qual xs estudantes foram estimuladxs a aproximar arte e ciência, apresentando produções artísticas como trabalhos finais. As autoras concluem que esta experiência constitui uma prática pedagógica não hegemônica e de resistência, algo fundamental em um período de censura e ataques ao campo das artes brasileiras.

Boa leitura!

REFERÊNCIAS

Saraiva, L. A. S. (2017). O plantio do desamparo. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 4(11), 1135-1146.

Como citar esta contribuição

Saraiva, L. A. S. (2018). Plus ça change, plus c’est la même chose. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 5(13), 465-472.

